

Soprando as brasas das memórias: entrevista com Shelly Bhoil

Pedro Mohallem
Telma Franco Diniz

Poeta, escritora, pesquisadora e organizadora deste número especial sobre o Tibete, Shelly Bhoil nasceu na Índia, numa aldeia perto de Dharamshala, que é considerada a capital do Tibete no exílio desde a chegada do Dalai Lama, forçado a sair do Tibete, em 1959. O contato com a comunidade tibetana local motivou Shelly a pesquisar a literatura, a arte e a cultura tibetanas, e a buscar entender as maneiras como os exilados tibetanos mantêm vivas as memórias ancestrais de uma terra que talvez nunca cheguem a tocar com os próprios pés. Shelly é doutora em Estudos Literários em Inglês com foco em Estudos Tibetanos, e publicou duas coletâneas de ensaios acadêmicos sobre o tema: *New Narratives of Exiled Tibet* (Lexington Books, 2020) e *Tibetan Subjectivities on Global Stage* (Lexington Books, 2018), este em coautoria com Enrique Galvan Alvarez. Publicou também o livro de poemas *An Ember from His Pyre* (2016) e prepara agora seu primeiro livro de poemas em português, a ser publicado pela editora Urutau. Antes de se mudar para o Brasil, Shelly foi professora da Delhi University e da Amity University, ambas na Índia. Hoje ela atua como tibetologista na Tibet House Brasil, centro de difusão das tradições culturais e espirituais tibetanas, sediado em São Paulo. Em função da pandemia, Shelly gentilmente concordou que realizássemos esta entrevista por email.

Agradecemos muito por ter aceitado nos conceder esta entrevista. Assim como nós, nosso leitor se interessa muito pela infância de nossos entrevistados, por isso gostaríamos que começasse dizendo onde você nasceu, onde foi criada, que língua primeiro aprendeu, e também nos contasse sobre

sua infância e sobre a influência da literatura oral e escrita na sua formação, se possível citando os livros e histórias que mais marcaram sua infância, em que língua eram lidos/ouvidos... e se você hoje conta essas mesmas histórias para seu filho.

Sou eu que lhes agradeço por contemplarem meu trabalho sobre esse tema tão relevante e significativo, que é a literatura tibetana no exílio.

Nasci na vila histórica de Garli Paragpur, no estado de Himachal Pradesh, na Índia. Algumas pessoas da velha geração da minha família não ficaram muito felizes com meu nascimento, porque fui a segunda filha, segunda menina que meus pais tiveram. Naquela época, esperava-se especialmente um menino. Mas os tempos mudaram e meus pais sentem muito orgulho de mim.

É difícil dizer que língua eu aprendi primeiro, porque havia três línguas simultaneamente faladas em casa – kangri (um dialeto local), hindi e inglês. Nós, indianos, mudamos de um idioma para outro com a mesma facilidade de um piscar de olhos. O idioma inglês, porém, não era o que meus pais falavam com mais fluência, embora eles falassem mesmo assim; e minha mãe se esforçou muito para nos matricular numa escola de língua inglesa, para termos uma perspectiva melhor no futuro.

Lamento desapontá-los, mas, diferentemente de outras escritoras e escritores, eu não li muito durante meus anos de formação. Eu tinha muito medo dos livros quando criança, e lê-los exigia de mim um esforço enorme. Ainda acontece de eu ver as palavras mexendo-se para cima e para baixo sobre o branco do papel. Hoje prefiro dizer que o que eu vejo são pássaros-letras voando pela vastidão das páginas. Diziam que eu tinha um problema de visão, ‘fadiga ocular’. Só anos depois é que descobri que tenho dislexia. E talvez, para correr atrás do prejuízo, é que hoje eu esteja o tempo todo envolvida com livros e mais livros e mais livros.

A literatura, entretanto, nunca esteve ausente da minha infância. Os episódios semanais dos épicos indianos Ramayana e Mahabharata, transmitidos pela televisão na década de 1980, me deram um senso de narrativa, enredo, ação, personagens, cenário, entre outras coisas, muito antes de eu estudar esses assuntos na escola. As histórias contadas por meus avós na hora de dormir, nas nossas férias anuais, atiçavam minha imaginação e a mantinham acesa e vibrante durante o resto do ano. Avós são a melhor fonte de educação doméstica, eles são um arquivo incrível de histórias. Minha avó paterna nos contava histórias sobre a Índia britânica e sobre seu casamento quando ainda era uma criança. As histórias contadas por meus avós maternos eram quase sempre histórias reais, sobre coragem e resiliência, como a fuga da Caxemira depois que a casa deles foi reduzida a pó num incêndio, durante

a divisão entre Índia e Paquistão, em 1947. Algumas dessas histórias despertaram em mim sentimentos de raiva e hostilidade, mas felizmente eu amadureci e aprendi a odiar.

As histórias que conto para meu filho não são as mesmas, mas compartilham do mesmo espírito de manter vivas nossas antigas memórias. Eu preciso me lembrar de que o mundo dele é diferente do meu e de que as histórias que eu conto para ele serão seu jeito de lembrar que seus pais vieram da Índia. Para responder à pergunta sobre minha maneira de contar histórias para ele – eu mantenho a tradição de mudar de um idioma para outro sem pestanejar, agora com o acréscimo de um novo ingrediente, o português brasileiro.

Como se deu sua iniciação na poesia? Seu interesse pela escrita surgiu da leitura de outros poetas, ou, pelo contrário, uma inclinação pessoal à poesia fez você se interessar pelo que outros poetas tinham a dizer? E hoje em dia, ao lidar com uma vasta rede de escritores, como se dão seus momentos de criação poética? Você se vê diretamente influenciada pelas obras que edita?

Acho que foi a poesia que provocou minha verdadeira iniciação no mundo das letras e da literatura. Eu sentia menos medo em relação à poesia simplesmente porque significava que eu teria de lidar com menos palavras por página, e também porque a poesia trazia em si uma musicalidade que aliviava minha ansiedade em relação à leitura. Quando criança, eu amava poemas rimados. Os poemas hindí que eu lia na escola, as letras de músicas que minha mãe cantava com sua voz melodiosa, e uma antologia de poetas românticos ingleses que encontrei num antigo baú em casa me encorajaram a escrever poesia. Senti uma conexão com a poesia de Wordsworth porque eu vivia na zona rural. As árvores, os pássaros, os cachorros de rua, as montanhas – às quais eu dava nomes – se tornaram parte da minha paisagem poética.

Os poemas selecionados para este número da *Cadernos* também exercem influência sobre minha sensibilidade poética. Eu aprendo muito com a potente simplicidade e franqueza dos poemas de Tenzin Tsundue, com a memorização e a memória dos poemas de Bhuchung D Sonam, com os singulares saltos de lógica dos versos de Tsering Wagmo Dhompa e a qualidade meditativa das palavras nos poemas de Trungpa, por exemplo.

Antes de tudo sou poeta, só depois é que sou editora/acadêmica, mas dou preferência a meu trabalho sobre o Tibete em detrimento da minha poesia em função da extrema necessidade de tais trabalhos em face da situação política dos tibetanos.

Minha primeira coleção de poemas tomou corpo entre as trocas de fraldas do meu filho. Espero ser capaz de criar um espaço onde minha poesia possa florescer num futuro próximo. Me deseje disciplina, por favor!

Quando foi que o Tibete entrou em sua vida, ou como surgiu seu interesse por poesia tibetana? E como se deu a seleção dos autores presentes nesta edição especial, organizada por você?

A capital dos tibetanos no exílio é por acaso minha cidade natal, na Índia. Eu sempre soube da existência da comunidade tibetana por causa dos ‘*momos*’ – seus tradicionais bolinhos recheados –, dos monges e dos monastérios, mas só me conscientizei da sua difícil existência política em 2003, quando conheci o poeta-ativista Tenzin Tsundue, que me disse: “Eu venho de um *problema* chamado Tibete”. Isso me levou a pesquisar, como tema de doutorado, o nacionalismo tibetano no exílio – o ‘póscolonialismo não hifenizado’ dos tibetanos, em que, cronologicamente falando, ‘pós’ não é o ‘fim’, mas o ‘início’ da ‘colonização’. Tibete é um caso de colonização ‘continuada’ em tempos de globalização econômica e cultural.

Minha seleção de poetas para esta edição foi feita primordialmente em função da temática focada no exílio. Senti que seria necessário entender a trajetória do exilado por meio da inclusão de poetas de diferentes gerações. Por isso temos aqui quatro gerações de tibetanos no exílio – desde o primeiro exilado social tibetano, Gendun Chopel, a poetas tibetanos da quarta geração no exílio, como Tseyang e Kalsang. Temos então outra camada da experiência no exílio – a heterogeneidade dentro da mesma geração de poetas exilados. Assim, nesta edição, dentro da mesma geração de poetas, temos alguns que fugiram do Tibete ainda jovens, enquanto outros nasceram no exílio e nunca estiveram no Tibete; além disso, alguns desses poetas vivem na Ásia enquanto outros vivem em países do ocidente. É interessante observar os pontos de fusão de suas experiências divergentes – a memória herdada do Tibete nos poemas de Tenzin Tsundue e a experiência de ter nascido no Tibete durante os anos da revolução cultural nos poemas de Bhuchung D Sonam, por exemplo, ou o estilo e a dicção, respectivamente, nos poemas do Chime Lama, que cresceu nos Estados Unidos, e de Tenzin Dickie, que estudou na escola da Vila Infantil Tibetana, na Índia, e agora vive nos Estados Unidos.

Além disso, deliberadamente me empenhei em buscar e revelar o trabalho poético de mulheres tibetanas. Para minha surpresa, encontrei mais mulheres do que homens escrevendo poesia na comunidade tibetana, embora a maior parte dessas mulheres poetas ainda não tenha publicado um trabalho volumoso. Foi assim que

a inclusão – de poetas emergentes e já estabelecidos – automaticamente se tornou um dos pontos fortes desta edição da *Cadernos de Literatura em Tradução*.

Eu ainda tinha me colocado mais dois requisitos, um dos quais não consegui realizar inteiramente. Eu queria trazer trabalhos escritos originalmente não apenas em inglês, mas também em tibetano, a língua materna dos tibetanos. Mas não consegui incluir mais do que alguns poucos poemas de Gendun Chopel, os quais felizmente também estão disponíveis em versões para o inglês, e um poema originalmente em tibetano, de Tsering Kyi, para o qual eu providenciei uma tradução para o inglês.

Por fim, mas não menos importante, selecionei poemas que serviam não apenas a um propósito utilitário, mas também e especialmente apresentavam mérito estético, e para tal algumas vezes recorri a meus amigos tradutores. Em certos casos, como por exemplo em se tratando de Gendun Chopel e Chime Lama, deixei que seus respectivos tradutores escolhessem para tradução os poemas que mais haviam lhes tocado.

É consenso entre os estudiosos da tradução que a poesia seja o gênero literário mais difícil de se traduzir, devido à alta concentração de tensões fonéticas, semânticas e semióticas em um poema. Com isso, o tradutor quase sempre deve “negociar” com o texto que traduz, priorizando certos aspectos em detrimento de outros. Na sua opinião, qual aspecto da poesia tibetana configura o maior desafio de transposição para o tradutor? Poderia nos dar um exemplo?

Como exilados, os tibetanos são um povo traduzido. E foi no processo de tradução, nas últimas seis décadas, que eles aprenderam novos idiomas para poder falar por si mesmos, incluindo o inglês. Isso é algo importante para a presente edição da *Cadernos*, uma vez que a maioria dos poemas aqui publicados foi traduzida do inglês-tibetano para o português do Brasil.

Isso me coloca diante da complexidade do poema ‘Tibetophone’, da poeta Tsering Kyi, presente nesta edição. Foi o poema mais trabalhoso, senão o mais difícil de traduzir. Minha primeira tentativa de traduzir para o inglês um dos seus poemas originalmente escritos em tibetano fracassou miseravelmente, especialmente por causa da intraduzibilidade de alguns termos e expressões. Eu tive então de encomendar a tradução de um outro poema, ‘Samsara das montanhas nevadas’, a outro tradutor. O que se seguiu foi uma intensa troca de e-mails entre a poeta e os tradutores, tanto o tradutor do tibetano para o inglês quanto a tradutora do inglês para o português, para tratar de questões pertinentes a nuances culturais, além de conceitos filosóficos e nomes de rios tibetanos. Todo o trabalho colocado na

tradução desse poema me fez sentir um imenso respeito pelos tradutores. Agora entendo a proposta dos editores da *Cadernos* de privilegiar traduções comentadas. Hugo Lorenzetti Neto me contou, por exemplo, que os comentários feitos pelo professor Donald Lopez sobre a tradução da obra de Gendum Chopel lhe foram extremamente úteis.

Embora eu tenha deliberadamente deixado de incluir poemas que fossem potencialmente difíceis de traduzir e que talvez afugentassem os leitores, os poemas anglo-tibetanos não são isentos de desafios. Isso porque o inglês usado nesses poemas é um inglês tibetanizado. Assim, as questões culturais não dizem respeito apenas à língua de partida, mas também à língua de chegada. Para se ter uma ideia, um dos poemas desta edição faz menção a uma tradicional vestimenta feminina chamada de ‘chupa’ em tibetano, mantida desta maneira no original inglês; no Brasil, porém, ‘chupa’ pode ser um termo de baixo calão. A tradutora Telma Franco Diniz resolveu o impasse adotando a grafia alternativa ‘chuba’, que define a mesma vestimenta. Em outro exemplo, o poema “Sutra”, de Chögyam Trungpa, exigiu que o tradutor Guilherme Gontijo Flores traduzisse os sons das palavras, porque é neles que reside o sentido do poema.

Acho que a discussão sobre se ter de optar entre uma mulher fiel ou uma mulher bonita, a saber, uma tradução literal ou uma tradução que seja esteticamente atraente é desnecessária. Todo poema, como um microcosmo da cultura a que pertence, tem suas próprias demandas, e comanda seu próprio método de tradução, dependendo de onde seu significado estiver codificado – a gramática, a sintaxe, o padrão linguístico, os sons e as associações de palavras etc.

Ainda sobre o desafio de se traduzir poesia, e em se tratando dos seus poemas escritos em sua língua materna, você já chegou a manipulá-los pensando em ‘facilitar’ para o tradutor? Sabemos que existem autores que não se reconhecem nos textos traduzidos, como se estes não fossem de sua autoria. Como você se sente ao ler seus poemas em português? Ainda neste campo, e pensando na noção de transcrição defendida por Haroldo de Campos, você aprecia quando tradutores, valendo-se consciente ou inconscientemente dessa noção, transcrevem seus poemas?

A primeira vez que li meus poemas traduzidos para o português do Brasil, tive uma experiência transcendental. Senti que eles tinham reencarnado; seu espírito tinha vindo habitar um outro corpo linguístico. Não cabe a mim inspecionar a nova língua em que meu poema se expressa, nem manipular a língua original dos poemas para melhor se encaixarem na tradução, uma vez que a tradução nem

me passa pela cabeça no momento em que estou escrevendo poesia. Mesmo que eu apenas sinta algo como um *déjà vu* ao ler meus poemas em tradução, já me dou por feliz.

Falando de minha própria experiência traduzindo o trabalho de outras pessoas, houve duas vezes em que desejei e solicitei que os poetas reconsiderassem o emprego de algumas palavras no poema original, ainda inédito, em nome de uma melhor tradução, mas respeito a resposta que recebi, que foi um sonoro “NÃO!”. Eu não acho que a sensibilidade criativa dos poetas deva se sujeitar à necessidade de tradução (embora o contrário possa se dar), a não ser que ele ou ela esteja traduzindo seus próprios poemas.

Enquanto grande parte da literatura traduzida para outro idioma parece importar expedientes históricos, culturais e estéticos da língua de origem, destacando sua alteridade ou assimilando-a à língua de chegada, a tradução da poesia tibetana parece cumprir outro papel, semelhante àquele dos landays no Afeganistão: denunciar, dar voz e espaço a um grupo reprimido. Traduzir, nesse caso, é uma forma de combater as barreiras geográficas do exílio?

Precisamente. Eu escolhi ‘exílio’ como o tema dos poemas nesta edição principalmente para dar destaque à voz e às questões das tibetanas e tibetanos que tiveram seu país roubado. Ter poemas tibetanos no português do Brasil é combater as barreiras geográficas enfrentadas pelos exilados políticos tanto em seu país natal, para onde já não podem voltar, quanto em seus países de adoção, onde a burocracia pode dificultar sua existência e mesmo desestabilizá-la.

Isso, entretanto, não significa que o aspecto utilitário da literatura tibetana, a saber, seu potencial ‘soft power’ possa eclipsar sua estética literária. É difícil para a literatura engajada sobreviver como literatura *per se*, a menos que seja escrita artisticamente. É possível ver os aspectos de educação e entretenimento da literatura coexistirem nos poemas tibetanos desta edição, mesmo se esse poema for uma simples história de amor vivida em um restaurante tibetano ou um elogio às montanhas nevadas.

Há interesse em divulgar/ publicar as traduções da poesia tibetana em outros países de língua portuguesa? Ou os meios acadêmico e literário do Brasil – considerando seu panorama bastante diversificado de traduções, que vão de poesia árabe pré-islâmica a poesia holandesa do século XIX – têm se mostrado particularmente mais receptivos a essa literatura?

Essa pergunta tem o condão de fazer pipocar ideias na minha cabeça, e sou grata por ela. Desde já, se o tempo permitir, começarei a organizar outra antologia com uma visão panorâmica da poesia e da prosa tibetanas em tradução para o português do Brasil.

Sua identificação com o sentimento de exílio experimentado pelos escritores tibetanos que vivem fora do Tibete se intensificou a partir da sua própria expatriação? Como é esse sentimento? Ele te estimula, te impele a escrever?

Minha experiência de imigração é de certa forma privilegiada e talvez por isso menos fértil e menos rica do que a experiência de exílio vivida pelos tibetanos. Eu não tenho de providenciar a mesma papelada para viajar, nem tampouco me submeter a escrutínio no guichê de imigração, um escrutínio a que muitos tibetanos se submetem, já que eles apenas carregam o chamado “Livro Amarelo” como passaporte. Tampouco carrego nos ombros a responsabilidade pela preservação da minha cultura que muitos exilados tibetanos carregam, já que por um lado sua civilização cultural vem sendo sistematicamente obliterada em seu país natal, enquanto por outro lado ela vem sendo aculturada no curso de quatro gerações que já nasceram e cresceram em países de adoção. Eu tenho um país para o qual eu posso voltar. Exilados tibetanos têm um país para o qual eles ‘sonham’ em voltar. Tenho lembranças de primeira mão da minha terra natal, enquanto gerações de tibetanos nascidos no exílio contam apenas com as lembranças que seus pais têm de sua terra natal.

Se esse abismo entre minha experiência de imigração e a experiência de exílio vivida pelos tibetanos intensificou alguma coisa em mim, foi a humildade e o compromisso de trabalhar por causas justas.

Você está trabalhando em algum projeto novo no momento?

Estou trabalhando na segunda edição da revista *Yeshe: A Journal of Tibetan Literature, Arts and Humanities*, que eu cofundei ao lado de Patricia Schiaffani-Vedani, professora na Universidade do Texas. Também estou traduzindo, para o português do Brasil, poetisas indianas contemporâneas, com o duplo propósito de aprender a língua e apresentar as mulheres indianas sob um prisma diferente daquele visto pelos brasileiros na novela *Caminho das Índias*.

Em 2018, ao lado do poeta e diplomata indiano Abhay K., você editou um número especial da Cadernos, o Especial Índia, com 100 Grandes Poemas da Índia. O intuito de Abhay K, segundo ele mesmo disse, era privilegiar os poemas, não os autores, e a coletânea apresentou poemas de diferentes épocas, além de algumas obras anônimas e provenientes da tradição oral. Se você fosse se concentrar nos autores, dentre aqueles presentes na coletânea, quais você indicaria para serem traduzidos mais extensivamente para o português? Você destacaria outros autores ou autoras que não entraram na coletânea, e que você gostaria de ver traduzidas/ traduzidos para o português? Se possível, indique um ou dois poemas representativos de tais autores/ autoras.

Fico muito feliz de contar que o livro *Kora*, de Tenzin Tsundue, foi traduzido este ano pela professora Gisele Wolkoff para um curso de pós-graduação ministrado na USP. Além disso, Hugo Lorenzetti Neto, que traduziu alguns poemas de Gendun Chopel para esta edição, demonstrou profundo interesse em traduzir os trabalhos de maior fôlego desse monge andarilho. A obra poética de Tsering Wangmo Dhompa, traduzida nesta edição por Luci Collin, também seria uma prioridade caso alguém esteja cogitando trazer o Tibete para o Brasil.

Outros poetas cujas obras não figuram nesta edição de poesia tibetana no exílio, mas que merecem a atenção dos tradutores no Brasil, são o poeta do século XI, Jestun Milarepa, e a poeta contemporânea Tsering Woenser. Milarepa ocupa o mesmo lugar no cânone literário tibetano que Shakespeare ocupa no inglês. Woenser, que vive em Pequim e está proibida de viajar para fora da China, é hoje uma das vozes tibetanas mais corajosas e eloquentes, apesar do risco de prisão que ameaça os escritores nesta China avessa e sensível à mídia.

Felizmente, tenho aqui a tradução para o português de um poema de Milarepa e um de Woenser, traduzidos para um projeto da Tibet House. O poema de Milarepa foi traduzido por Virna Teixeira

Eu esqueci

Que eu esteja longe de credos e dogmas conflitantes.

Desde que a graça de meu Senhor entrou na minha mente,

Minha mente nunca se desviou de procurar tais distrações.

Acostumado por muito tempo a contemplar amor e compaixão,

Eu esqueci toda a diferença entre eu e os outros.

Acostumado por muito tempo a meditar no meu Guru como enalado sobre minha cabeça,

Eu esqueci todos aqueles que governam por poder e prestígio.

Acostumado por muito tempo a meditar sobre minhas deidades guardiãs como inseparáveis de mim mesmo,

Eu esqueci a forma humilde da carne.

Acostumado por muito tempo a meditar sobre as secretas verdades murmuradas,

Eu esqueci tudo que foi dito em livros escritos ou impressos.

Acostumado, como tenho sido, ao estudo da Verdade eterna,

Eu perdi todo o conhecimento da ignorância.

Acostumado, como tenho sido, a contemplar o nirvana e o samsara como inerentes em mim mesmo,

Eu esqueci de pensar em esperança e medo.

Acostumado, como tenho sido, a meditar nesta vida e na próxima como uma,

Eu esqueci o pavor de nascimento e morte.

Acostumado por muito tempo a estudar, por mim mesmo, minhas próprias experiências,

Eu esqueci a necessidade de procurar as opiniões de amigos e irmãos.

Acostumado por muito tempo a meditar sobre aplicar cada nova experiência para meu próprio conhecimento espiritual,

Eu esqueci todos os credos e dogmas.

Acostumado por muito tempo a meditar sobre o Nascituro, o Indestrutível, o Imutável,

Eu esqueci todas as definições deste e daquele alvo particular.

Acostumado por muito tempo a meditar sobre todos os fenômenos visíveis como o Dharmakaya,

Eu esqueci todas as meditações do que é produzido pela mente.

Acostumado por muito tempo a manter minha mente no estado de liberdade,

Eu esqueci todas as convenções e artificialidades.

Acostumado por muito tempo à humildade, de corpo e mente,

Eu esqueci o orgulho e a maneira ativa dos poderosos.

Acostumado por muito tempo a considerar meu corpo carnal como meu eremitério,

Eu esqueci a facilidade e o conforto de refúgios e monastérios.
Acostumado por muito tempo a saber o significado do Mudo,
Eu esqueci a maneira de traçar as raízes dos verbos, e fontes de palavras e frases.
Você, Oh aprendido, pode traçar estas coisas nos seus livros [se você desejar].

E a seguir, a primeira parte de um longo poema de Tsering Woenser sobre a pandemia, na tradução de Thiago Ponce de Moraes:

Tercetos da Epidemia

Parte Um

Não há lugar que não venha a ruir frente ao inimigo
Não há epidemia que não seja aterradora
Não, há outra praga bem pior que esta

2.

“Bons e maus morrem indiscriminadamente”
Gritos angustiados em toda parte,
engolimos o sal de nossas lágrimas transbordantes

3.

Como grama selvagem, não, como cebolinha
cortada pelas lâminas curvas de uma e de outra praga
com rapidez sem igual, sem som, sem descanso

4.

Uns salvam as vidas dos outros
Uns rezam a seus próprios deuses
Uns continuam a fazer o mal, um mal maior

5.

Leste, oeste, sul, norte – a epidemia, tumultuosa e imprevisível
Meu coração é pura apreensão, apenas o narciso papiráceo
trazido no abraço de uma bela mulher ainda resiste

6.

É Ano Novo, colocamos máscaras e dirigimos pela capital
passamos pelo Portão da Nova China cercado por paredes vermelhas
Não consigo respirar

7.

Não tinha lido o *Mantra da Armadura Vajra* antes
Agora, é o nono dia em que o leio 108 vezes por dia
Cada vez mais minha leitura é fluente e o meu coração mais confiante

8.

Encaro este *dharmapala* montado em um porco preto
Percebo que as nove cabeças do porco preto se parecem com um pássaro de
nove cabeças
Chamas se lançam dos seus olhos, sua boca bem aberta

9.

Bodhisattvas respeitam a causalidade, seres comuns respeitam os efeitos
Entretanto, não há nada que essa enorme fazenda de bichos respeite
Neste ano novo lunar não será necessário soltar fogos

10.

Gradualmente se vê como “sua água ebule e ferve, todos os tipos de maus
Homens e mulheres... combatidos e consumidos por esse mal
... suas formas tão diversas, melhor não olhar por muito tempo’

*Entrevista concedida a Pedro Mohallem
e Telma Franco Diniz em outubro de 2021*